

## **QUIASMA DIASPÓRICO - REFLEXÕES SOBRE O SER-DO-MUNDO-LATINO-AMERICANO**

**Binto Traule<sup>1</sup>**  
**Elizia Cristina Ferreira<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Kil k di nos tene balur expressão em crioulo guineense para dizer aquilo que é nosso tem valor, esse plano de trabalho, vinculado ao projeto "Quiasma diaspórico - reflexões sobre o ser-do-mundo latino-americano", pretende fazer um levantamento de manifestações do continente africano para estabelecer o mesmo tipo de diálogo proposto com as manifestações populares afro-brasileiras relativamente às possibilidades filosóficas das mesmas de maneira a, no futuro, estabelecer os diálogos possíveis entre tais tradições potencializando as discussões que nos interessam acerca de conceitos como subjetividade, corpo nas conformações de nosso ser-do-mundo diaspórico. Isso implica, como temos constatado, em pensar nossas relações com a África.

**Palavras-chave:** Filosofia Corpo Ancestralidade .

---

UNILAB, IHL, Discente, bintotraule500@gmail.com<sup>1</sup>  
UNILAB, IHL, Docente, elizia@unilab.edu.br<sup>2</sup>



## INTRODUÇÃO

Durante o período do desenvolvimento da nossa pesquisa, isto é, no âmbito do referido projeto durante os primeiros seis meses da execução em conformidade com o plano de trabalho, foram realizadas levantamento da produção bibliográfica que desencadeou nas leituras e apresentações nos eventos acadêmicos e, ao mesmo tempo, elaboração dos fichamentos, resenhas e resumos.

O presente projeto está em diálogo com os demais projetos de pesquisa e extensão do “AnDanças: programa de pesquisa e extensão em filosofia, arte e cultura” que envolve pesquisadoras das mais diversas áreas da cultura e das humanidades que trabalham com manifestações populares afro-indígenas no Brasil, na Argentina, no Uruguai e na Colômbia.

“Kil k di nos tene balur filosofia e manifestações culturais da Guiné-Bissau” tem como objetivo e proposta estabelecer um diálogo entre o continente africano e a diáspora, nesse modo, entendemos a importância de trazer a discussão sobre a diversidade étnica existente no seio da sociedade guineense, mas o foco da nossa pesquisa acentua-se no grupo social mandinga e nas suas manifestações culturais e práticas. Entre as quais podemos identificar casamento, fanado, ghanmo e rapa, etc. Pretendemos nos dedicar a investigar de maneira especial o Fanado.

Visamos com isso contribuir para o levantamento da produção bibliográfica a respeito das manifestações tradicionais da Guiné-Bissau e suas performances corporais. Propondo uma leitura dos textos filosóficos ligados ao projeto que nos permita realizar discussões conceituais em torno dos conceitos de corpo, subjetividade, etc. Isso está ligado aos objetivos gerais do programa AnDanças de promover uma interlocução entre filosofia e dança; através de uma pesquisa participante, que no caso desse projeto de pesquisa se liga ao grupo de extensão “Cabaz Garandi Ritmos e danças tradicionais da Guiné Bissau” cadastrado junto à Proex e do qual fazemos parte como colaboradoras.

No caso específico desse projeto, considerando que trabalhamos com a polêmica em torno da proibição do fanado feminino que foi proibido pela Organização Mundial de Saúde em 2008, também tentamos tencionar a relação entre tradição e contemporaneidade ligada a essa perspectiva de gênero. A princípio nossa proposta nesse trabalho não parte de um apoio a excisão e nem a sua crucificação, mas sim entender as profundezas dessa prática. Além disso, a tradição faz parte de cotidiano de cada cultura, as práticas tradicionais são fragmentos na vida de um povo, o ajudam a manter as linhagens e a permanência da etnicidade que unem e estabelecem os diálogos com os ancestrais, que guiam e protegem os seus descendentes cotidianamente. Nessa perspectiva, o nosso projeto vem tentando fazer um diálogo com as práticas religiosas e tradicionais africanas com relação as práticas diaspóricas, no que abrange o corpo da mulher, de modo que muitas das vezes elas são vítimas de violências ao submeter a tradição que se encontra presente na sociedade guineense.

## METODOLOGIA

Atividades executadas durante dose meses foram muito produtivas em termos das nossas participações nos eventos acadêmicos, por exemplo, o grupo teve oportunidade de contribuir com apresentação “III Seminário Griô - culturas populares, identidades e resistência” promovido pelo grupo de pesquisa Griô, na Faculdade de Educação/Escola de Dança - Universidade Federal da Bahia - Salvador (BA), “proporcionando um fértil espaço de troca de saberes e experiências, tendo como pano de fundo o processo de construção de identidades na perspectiva de resistência aos processos conservadores de intolerância, discriminação e ataques aos direitos e conquistas sociais, presentes no atual contexto político brasileiro e internacional” (vide <https://grupogrio.wixsite.com/seminariogrio>). A participação nesse evento gerou proveitosa discussão sobre esse trabalho, quando foi apresentado oralmente, bem como a publicação de um resumo nos anais do evento.



Além disso, participamos da organização do Estágio Intensivo Master Europhilosophie/UNILAB no Seminário Filosofias no Sul Global e 2º Encontro de Geofilosofia. (vide <http://www.geofilosofia.unilab.edu.br/publicacoes-eventos/eventos/2019-2/estagiomastereurophilosophie-unilab/>)

Fora isso, o grupo se reunia semanalmente para as discussões dos textos teóricos, elaborações das atividades, troca da experiência com outros grupos de extensão, também com pessoas que estão fora do espaço acadêmico, no sentido de manter uma relação de diálogo entre a comunidade externa e a comunidade acadêmico.

O projeto sempre trabalhou em parceria com o projeto de extensão Cabaz Garandi- Ritmos e Danças tradicionais da Guiné-Bissau, no qual têm como objetivo, pesquisar e praticar as danças tradicionais da Guiné-Bissau, fazer um intercâmbio cultural, das culturas africanas e afrodiasporica, têm trabalhado com oficinas de danças tradicionais guineenses com adultos e também com as crianças das escolas do recôncavo além disso, o grupo faz apresentação de danças, músicas guineenses e oficinas para a comunidade interna e externa.

O grupo se reuniu no quilombo Dom João, localizado em São Francisco do Conde, na perspectiva de desenvolver um trabalho científico, conduzidos por Dona Joca (Joselita Gonçalves dos Santos Borges, liderança da comunidade, estudante da Unilab e membro do AnDanças) com os (as) moradores (as) da comunidade quilombola no sentido de compreender e analisar a vida das mulheres marisqueiras daquela comunidade, visando entender o corpo da mulher naquele espaço, afim de promovermos, junto com elas, uma valorização do seu trabalho e de sua vida, para além das fronteiras do quilombo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante a nossa pesquisa, entendemos que, a excisão/circuncisão na etnia mandinga ocorre em ambos os gêneros, masculino e feminino. No masculino não há polêmica e nem contradição quanto a essa prática, pois ela é obrigatória perante a lei da religião islâmica e não é criminalizado no país, visto que é feita por quase todos os grupos sociais existentes na sociedade guineense. A sua prática é mais segura e oferece menos risco de vida quando ocorre no hospital e é feita por profissionais preparados para sua execução. No entanto, quando o ato acontece de forma tradicional, ocorre nas barracas, sítios que são construídos na mata para o ritual, no caso da circuncisão ela é feita por Nghananu (pessoa que faz o procedimento de circuncisão nos meninos) o que ofereci riscos para a saúde dos circuncisados, por condições inapropriadas do espaço, falta de materiais e é feita por pessoas sem conhecimentos científicos para tal. Em outro ponto, o fanado trata-se de um ritual indispensável para homens e mulheres pertencentes aquela comunidade, pois é considerado um rito de passagem de uma fase de impureza para pureza e esse ato acontece entre 4 a 12 anos de idade. Ele envolve, em geral, várias práticas culturais, danças, rezas, etc., e a circuncisão para os homens e a excisão para as mulheres, também é designada por Mutilação Genital Feminina. Segundo o Relatório da Organização Mundial de Saúde (2008), a mutilação genital feminina é o procedimento que envolve a remoção, parcial ou total de órgãos genitais femininos externos ou qualquer outro procedimento realizado por razões não médicas que vise os mesmos.

A MGF pode ser percebida como uma forma de violência dos direitos humanos da mulher baseada na religião e tradição que consiste na remoção parcial ou total da genitália feminina externa, podendo ou não comprometer outros órgãos genitais femininos por razões não médicas no qual a sua aplicação se averigua de uma forma brutal como descreveu a Silva que...

As mulheres e crianças sujeitas a este tipo de corte têm de ficar com as pernas atadas num período que vai entre duas a seis semanas. A dimensão da abertura deixada pelo procedimento terá consequências na vida



sexual da mulher/criança, uma vez que quando a dita abertura é pequena, é necessário recorrer à desfibulação, ou seja, à abertura da zona, para permitir as relações sexuais (Silva, 2015, p.12).

Compreendemos que, é de grande preocupação o risco de vida que as mulheres enfrentam na sociedade guineense, uma vez que, as especialistas de saúde não têm métodos para lidar com o caso dos pacientes que se encontram naquelas condições e que gera mais a probabilidade de uma infecção se alastre no indivíduo ou outros tipos de doença que essa pratica vem trazendo, em outros meios, podemos correr o risco de alegar que a pratica de MGF que está sendo realizado de uma forma clandestino considerando que é proibido pela lei implementada desde junho de 2011, no qual a moldura penal associada pode ir até 5 anos de prisão efetiva para quem executar este procedimento, com a luta de manter a tradição que sustenta os ancestrais e a luta de não perder os costumes da tradição a prática continuou a ser executada como afirma a pesquisa que foi feita pela Unicef em fevereiro de 2014, alertou para o facto de ter aumentado a realização do corte em bebês e crianças o intervalo de idades a que se referia vai dos 12 meses aos 4 anos (SILVA, 2015, p.8).

#### GHANMO

Ghanmo é um nome dado a uma forma de louvar a Deus pelos fiéis muçulmanos, acontece uma vez no ano em mês de maio, cada ano, os muçulmanos se reúnem nas suas comunidades/tabancas para esta celebração. A prática que se dá para tal comemoração é a leitura do livro sagrado alcorão, para isso, eles fazem a manchida durante a leitura do livro sagrado, momento de pedir piedade e salvação de Deus e também rogar pela estabilidade perante a sua vida, pedir o paraíso após a morte, por outro lado, cada um pede a salvação dos seus entes queridos que já não se encontram no mundo físico, ao mesmo tempo usam esse momento para pedir desculpa e proteção para os ancestrais, não só, mas também tem como objetivo de sensibilizar um ao outro a importância de Deus nas suas vidas e ensinar os/as mais jovens as leituras corânicas, como seguir o caminho da religião muçulmana o que um muçulmano deve e não fazer, como por exemplo: para ser considerado muçulmano não deve consumir bebidas alcoólicas e nem consumir carne de porco, entre outras coisas que são proibidas e estão escritas no livro sagrado.

#### Casamento no Grupo Social Mandinga

No Grupo social Mandinga, o casamento é considerado o momento mais importante na vida de uma pessoa, o que não é muito diferente entre outros grupos sociais guineenses. Porém, o casamento de mandinga vai de acordo com o que está escrito no livro sagrado alcorão.

De acordo com (ALCORÃO, 1979, apud, BORGES, E. S. M, P.35) um muçulmano deve escolher uma mulher para casar de acordo com o que foi recomendado pelo Profeta Muhammad, a partir dos seguintes critérios: beleza, riqueza, nobreza e religiosidade, esta última sendo a qualidade mais importante, pois é ela quem norteia a conduta da mulher. Disse que, em geral, é o homem quem deve tomar a iniciativa e que o casamento compreende quatro etapas: a primeira, o pedido do homem, a segunda etapa, a resposta da mulher e a aceitação das condições (contrato de casamento), a terceira, a presença de duas testemunhas e a quarta e última etapa, o homem deve presentear sua esposa com um dote, o casamento é símbolo de grandiosidade e maturidade.

No islamismo, a mulher é concedida ao casamento a partir do momento que ela apresenta os sinais da puberdade, desse modo, é considerado normal as meninas irem ao casamento na idade de 13 a 15 anos. Conforme Borges explica:

O pedido de casamento é feito aos pais da pretendida por indivíduos da confiança do pretendente, e mais algumas pessoas. Estes se dirigem à casa dos pais da moça com um pequeno embrulho contendo quarenta e cinco nozes de cola (obi) e de outro, apenas, com cinco sementes, ambos a entregar ao pai da pretendida, em momentos diferentes. (2009, p.36). Segundo a fala da autora, ela aponta que, a escolhida em geral nunca é consultada, tendo de aceitar, passivamente, a decisão da família. Algumas vezes esta etapa se dá até mesmo



antes da criança nascer, ou ainda na infância Borges (2009, P.36).

O casamento realiza-se antes do pagamento integral dos presentes estipulados, razão porque, embora revestido de todo o cerimonial, não tem caráter definitivo, visto que só se pode considerar consolidado após o nascimento e o batismo do primeiro filho (BORGES, 2009, P.37). É de extrema importância frisar que, ainda na sociedade guineense, existe esse tipo de pensamento sobre os homens de que a mulher é feita ou nasceu para casar e dar à luz, uma mulher que não tem filho por algum motivo de saúde, ela é considerada uma pessoa inválida e não tem o respeito da comunidade.

Rapa

Para os Mandingas, rapa acontece de acordo com que foi escrito no livro sagrado alcorão. Quando a criança nascer o pai tem que recitar a palavra de Deus no ouvido do recém-nascido, ele ou ela tem que passar uma semana dentro do quarto sem ser lavado para fora do mesmo, somente no sétimo dia que o recém-nascido é colocado para fora, para ser batizado/rapa. Os muçulmanos não usam a palavra batismo, mas sim rapa. No sétimo dia é o dia de batismo. Na cerimônia eles raspam o cabelo dele/a e é colocado o nome e também pensam a criança de acordo com o peso é feita a conversão do número do peso do bebe para o dinheiro e esse dinheiro é dado para uma família que necessita de ajuda. Em seguida, fazem um banquete de carne de carneiro como abertura de comemoração. Cada filho/a a ser batizado os pais têm que comprar um carneiro para servir de banquete aos convidados. Essa cerimônia é acompanhada de leitura corânica, é feita somente pela manhã.

## CONCLUSÕES

Durante a pesquisa concluímos que, a partir do desenvolvimento das leituras sobre a temática, compreendemos que é de suma importância estudar melhor e compreender o povo mandinga, para refletir sobre as consequências da prática de fanado feminino, sem ignorar a cultura deste povo.

Percebemos que sempre haverá uma luta de resistência do Estado guineense com povo mandinga na tentativa de manter a tradição do fanado, lembrando que cada povo tem os seus costumes tradicionais. Na Guiné-Bissau, a tradição tem um papel fundamental na vida de cada etnia, com isso, a sua prática ainda é enraizada nesse território e tem um grande poder sobre os mesmos considerando a obrigação de cumpri-la. Eles acreditam que com o não cumprimento da tradição, a pessoa pode sofrer várias consequências de acordo com cada tradição.

Em nossa pesquisa, procuramos ver todos os aspectos das manifestações tradicionais, acreditamos que elas têm muitos princípios interessantes que podem ajudar a descortinar uma filosofia, valores, ensinamentos diversos. No entanto, entendemos que, por mais que o Fanado faça parte de uma tradição, ele tem efeitos prejudiciais na vida das mulheres. Essas por sua vez, sofrem de várias submissões por conta da religião ou da tradição.

Com a continuação desse projeto, acreditamos que teremos oportunidade de aprofundar essa discussão de uma forma mais detalhada com entrevistas das pessoas que conhecem ou que já passaram do ritual, e trazer também outras práticas que prejudicam e violam a lei dos direitos humanos.

Por fim, entendemos que, para ter o êxito nesta luta, precisamos de conscientizar o povo mandinga e mostrar o prejuízo que o fanado pode causar na saúde de uma mulher, portanto essa luta, vai depender do esforço de todos os pesquisadores e conhecedores desta matéria. Concebemos que, a partir da expansão desta ideia, os povos mandingas vão ter uma mais oportunidade refletir sobre a gravidade que o ato de fanado pode causar na vida de um indivíduo, especialmente das mulheres.

## AGRADECIMENTOS



Gostaria de agradecer imensamente a Unilab pela oportunidade de ser discente dessa universidade que nos possibilita vários tipos de conhecimento. Em especial, a minha gratidão vai para o projeto PIBIC/FAPESB, pela a oportunidade de realizar as minhas pesquisas no qual me ajudou bastante no meu desempenho acadêmico quanto social. Estenderei esse agradecimento pelo projeto de pesquisa e extensão AnDanças e Cabaz Garandi que me proporcionaram ainda proporcionam momentos singulares perante meu percurso acadêmico, minha imensa gratidão vai especialmente para minha orientadora Elizia Cristina Ferreira, muito obrigada pelo aprendizado, foi um enorme prazer ser a sua orientanda.

## REFERÊNCIAS

BORGES. E.S.M. estudo de caso em Gabú será que o casamento explica a gravidez precoce das jovens islâmicas (fulas e mandingas)? Dissertação apresentada ao Programa de Pósgraduação de Estudos Étnicos Africanos da Universidade Federal da Bahia, 2009.

DANFA, SALIFO. A excisão feminina na etnia mandinga da Guiné-Bissau: tradição étnica ou obrigação da religião muçulmana? 2017. Projeto de TCC apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira no campus de Malês em São Francisco do Conde/BA, 2017.

\_\_\_Diop, Anta Cheik, A unidade cultural da África Negra: Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade Clássica, publicado em mulemba da faculdade de ciências sociais da universidade Agostinho Neto, 2014.

MARTAROSA [http://www.eeas.europa.eu/archives/delegations/guinea\\_bissau/documents/press\\_corner/20160215\\_guia\\_guinea\\_bissau\\_uniao\\_europeia\\_afectos\\_pt.pdf](http://www.eeas.europa.eu/archives/delegations/guinea_bissau/documents/press_corner/20160215_guia_guinea_bissau_uniao_europeia_afectos_pt.pdf).

MARTINGO, Carla. O corte dos genitais femininos em Portugal: o caso das guineenses. Dissertação (Mestrado em Relações Interculturais) - Universidade Aberta, Lisboa, 2009. Acesso: 18 setembro 2019.

SILVA, Carina Castro da. Mutilação genital feminina: percepções de jovens guineenses residentes em Portugal e de profissionais com a experiência na Guiné-Bissau. Dissertação (Mestrado em Ação Humanitária, Cooperação e Desenvolvimento). Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2015. Acesso em: 17 setembro de 2019.

